



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS FÍSICAS E MATEMÁTICAS
DEPARTAMENTO DE QUÍMICA
CURSO DE LICENCIATURA EM QUÍMICA

**As potencialidades do Ensino de Química em classes
hospitalares: uma análise das ações em um hospital
infantil de Santa Catarina**

Sheila Batista Furtado

Florianópolis - SC

2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC
CENTRO DE CIÊNCIAS FÍSICAS E MATEMÁTICAS - CFM
DEPARTAMENTO DE QUÍMICA
CURSO DE LICENCIATURA EM QUÍMICA

**As potencialidades do Ensino de Química em classes
hospitalares: uma análise das ações em um hospital
infantil de Santa Catarina**

Sheila Batista Furtado

Trabalho de conclusão de curso – TCC II
do curso de Licenciatura em Química da
Universidade Federal de Santa Catarina,
como requisito para graduação no mesmo.
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Carolina dos Santos
Fernandes.
Coorientador: Prof.^o Dr.^o Fábio Peres
Gonçalves.

Florianópolis – SC

2017

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar as potencialidades para o ensino de Química em uma classe hospitalar de um hospital infantil do estado de Santa Catarina. Para tanto foram discutidas as características das classes hospitalares nacionalmente, a legislação que rege estes espaços, bem como as características de uma classe hospitalar de um hospital infantil de Santa Catarina. Além disso, foram entrevistados docentes que atuam ou já atuaram nestes espaços a fim de apreender dados que permitiram uma análise mais aprofundada das potencialidades deste espaço formativo ao Ensino de Química. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas, sendo os relatos analisados pela Análise Textual Discursiva (ATD) (MORAES; GALIAZZI, 2007). Do resultado analítico emergiram três categorias: processo de planejamento e desenvolvimento das ações pedagógicas na classe hospitalar; políticas públicas educacionais relacionadas à classe hospitalar; potencialidades formativas da classe hospitalar na área de Ciências da Natureza/Ensino de Química. Os docentes que atuam na classe hospitalar em estudo procuram abordar o conteúdo através do lúdico, utilizando eixos temáticos, sem perder o foco nas dimensões conceituais. Esses profissionais se deparam com uma demanda que vai além dos conhecimentos adquiridos em sua formação inicial. Há uma falta de políticas públicas que valorizem o profissional deste setor. O espaço da classe hospitalar apresenta grande potencial formativo nas diferentes áreas do conhecimento.

Palavras chave: ensino de química, classe hospitalar, formação de professores.

SUMÁRIO:

Introdução.....	1
As características das classes hospitalares.....	2
O trabalho desenvolvido na classe hospitar.....	3
Metodologia.....	5
Apresentação dos resultados	6
Processo de planejamento e desenvolvimento das ações pedagógicas na classe hospitalar.....	6
Políticas públicas educacionais relacionadas a classe hospitalar.....	18
Potenciais formativos da classe hospitalar na área de Ciência da Natureza/Ensino de Química.....	27
Considerações finais.....	33
Referências.....	34
Apêndices.....	39
Apêndice A	39
Apêndice B	40

INTRODUÇÃO

A motivação para realizar este trabalho deu-se a partir de uma visita a classe hospitalar de um hospital infantil do estado de Santa Catarina, como parte das atividades propostas pela componente curricular obrigatória de Estágio Supervisionado II que integra o currículo do curso de licenciatura em Química/UFSC. A ideia da visita no componente de estágio tinha como foco conhecer outros espaços de atuação docente, além de compreender a lógica de ensino e aprendizado que caracteriza o espaço em questão a partir do diálogo com os profissionais que atuam na classe hospitalar em especial os docentes.

A partir da visita na classe hospitalar¹ e detalhamento explicativo dos docentes que atuam no local, foi possível perceber as potencialidades relacionadas ao conhecimento químico atrelado a este espaço formativo. Cabe destacar que os docentes atuantes neste espaço no momento da visita possuíam formação em Pedagogia e que as potencialidades ligadas ao ensino de Química foram identificadas por nós a partir do relato dos docentes.

O atendimento escolar em classes hospitalares possui respaldo legal para toda criança e adolescente internados para tratamento de saúde. De acordo com o Ministério da Educação (BRASIL,2001,2002), denomina-se classe hospitalar a modalidade de ensino que atende crianças e adolescentes internados em hospitais. Tal atendimento possui respaldo legal através da resolução nº 02, de 11 de setembro de 2001, do Conselho Nacional de Educação Básica.

No Brasil, antes da legislação sobre classes hospitalares entrar em vigor, em meados de 1995, o atendimento escolar em hospital era limitado aos portadores de necessidades especiais e inexistente para os demais jovens que eram hospitalizados por longos períodos, mas sem empecilhos para aprender, estes eram excluídos do sistema do ensino (FONTES, 2002). Segundo Fonseca (1999) o atendimento em classes hospitalares resultou de políticas públicas e estudos acadêmicos decorrentes da observação e consideração das necessidades das crianças e adolescentes que devido a problemas de saúde, requeriam hospitalização. Cabe registrar que a classe hospitalar é

¹ Por motivos de discussões relacionadas a dimensão ética, não foi possível identificar o hospital em questão. Por esta razão se atribui a escrita genérica de um hospital infantil do estado de Santa Catarina.

considerada uma modalidade da educação especial, embora se tenha estudos que apontam que não é adequado o enquadramento das classes hospitalares na modalidade da educação especial.

Em linhas gerais as classes hospitalares são multiseriadas, atendendo no mesmo espaço, estudantes de diferentes fases de escolaridade. Esta modalidade de ensino possui o foco de dar continuidade à aprendizagem escolar dos estudantes matriculados na educação básica de modo a auxiliar o retorno destes as escolas na qual estudam (BRASIL, 2001).

A partir da explicação dos docentes atuantes na classe hospitalar visitada, na qual será descrito a seguir, decidiu-se explorar as potencialidades do Ensino de Química em classes hospitalares com base no trabalho desenvolvido em um hospital infantil do estado de Santa Catarina. A partir do exposto, propõe-se a seguinte questão de pesquisa:

- Quais as potencialidades da modalidade de ensino da classe hospitalar ao Ensino de Química e na formação de professores de Química??

Sendo que a questão de pesquisa se desdobra nos seguintes objetivos:

Objetivo geral:

- Analisar o potencial da classe hospitalar para o ensino de Química e para a formação de professores de Química..

Objetivos específicos:

- Discutir brevemente as características das classes hospitalares nacionalmente à luz da literatura;

- sinalizar a legislação que norteia classes hospitalares;

- analisar a organização e planejamento do trabalho pedagógico na classe hospitalar de um hospital do estado de Santa Catarina e as possíveis relações com o ensino de Química.

- discutir a importância de políticas públicas destinadas a classe hospitalar.

As características das classes hospitalares

Fonseca (1999) realizou um levantamento no Brasil em 1997 sobre atendimentos pedagógicos educacionais para crianças e adolescentes hospitalizados e constatou que haviam trinta hospitais que ofereciam este tipo de atendimento, muitos com nomenclatura diferentes, mas com o mesmo objetivo. Os dados de Fonseca revelam que apenas quatro classes hospitalares tinham sido criadas antes de 1980, e que a partir

dessa década se inicia a expansão desta modalidade de ensino. De janeiro de 1981 a dezembro de 1997, foram criadas dezessete classes hospitalares no país. Já em 2000, outro levantamento realizado apontou para a existência de setenta e quatro classes hospitalares. Somente em Santa Catarina, entre os anos 1999 e 2004, foram implantadas doze classes hospitalares em diferentes regiões do estado e no último levantamento que se tem acesso feito em 2008 há o registro de cento e dez classes hospitalares no país (COMIN, 2009). Embora cento e dez parece ser um número relativamente grande, ao se olhar para a dimensão do território brasileiro este número torna-se inexpressivo.

No que diz respeito a aspectos gerais das classes hospitalares a literatura menciona diferentes perspectivas do trabalho pedagógico, sendo: a perspectiva representada pela prática pedagógica que enfatiza a continuidade dos conteúdos educativo-escolares, do currículo formal. Essa vertente defende que os estudantes internados ao retornarem para as escolas não tenham prejuízo na continuidade de seus estudos (COMIN, 2009).

E a segunda que destaca o aspecto lúdico nas atividades realizadas, de modo a contemplar atividade mais recreativas, já que os estudantes estão em um momento delicado de suas vidas. Essa compreensão não deve ser banalizada e pensada na recreação com fim nela mesma (COMIN, 2009).

Em linhas gerais, a partir do exposto na literatura e com a apreensão dos dados pretende-se discutir também em que posição a classe hospitalar em questão possui sintonia e analisar as potencialidades no ensino de Química neste contexto.

O trabalho desenvolvido na classe hospitalar de um hospital infantil do estado de Santa Catarina

A Classe Hospitalar do hospital infantil, na qual foi realizada as entrevistas com os docentes, foi fundada para atender a educação infantil até a 4ª série, contando com três estagiários do nível médio do magistério, dois bolsistas do nível superior de ensino (do curso de Pedagogia) e uma professora graduada (efetiva da Secretaria Estadual de Ensino - SED), em 2001 esta modalidade de atendimento passou a se integrar com um dos programas da SED, o programa de educação especial (COMIN, 2009). Oficialmente, um convênio com a Secretaria de educação do Estado, firmado por meio da Portaria n.30, de 05/03/2001, regulamentou a implantação de atendimento educacional em questão. Em 2003 foi implantado o atendimento aos anos escolares de

5ª a 8ª série. Em 2005 o quadro docente da Classe Hospitalar em questão era composto por seis professoras, todas vinculadas a SED, e ficavam a disposição de uma escola de ensino básico a qual a classe hospitalar em estudo está vinculada (COMIN, 2009). Atualmente, a classe hospitalar na qual esse trabalho se refere atende estudantes do ensino fundamental como um todo, sendo a idade de internação até o final dos 14 anos.

Segundo Darela (2007, p.26), os profissionais da educação inseridos na saúde “*caem de paraquedas em um ambiente distante da formação acadêmica*” diante da realidade que esta inserido, lidando em um contexto com grande diversidade dos alunos, tendo assim que buscar conhecimento a partir de iniciativas individuais, como cursos, inserção em grupos de estudos, entre outros. O trabalho desenvolvido na classe hospitalar em estudo, tem por referência a Proposta Curricular de Santa Catarina (2014), ou seja, a construção histórico – cultural de aprendizagem, a qual considera todos capazes de aprender e compreender que as relações e interações sociais estabelecidas pelas crianças e pelos adolescentes são fatores de apropriação do conhecimento. A Classe Hospitalar caracteriza-se como uma classe multiseriada, agrupando alunos de diferentes séries. Os estudantes que frequentam a classe hospitalar em estudo são procedentes de escolas com diferentes práticas de ensino, variando entre escolas particulares, rurais, indígenas e estaduais. Atualmente a classe hospitalar em estudo, conta somente com a atuação de três docentes ², sendo um com formação na área de letras- português e os demais com formação na área da pedagogia.

O hospital onde se localiza a classe em estudo atende crianças de zero anos até adolescentes com quatorze anos, onze meses e vinte nove dias, já a classe escolar atende as crianças e adolescentes na faixa etária escolar. A classe em estudo dispõe de 02 salas de aula para atendimento para todas as crianças e adolescente internados, nos diferentes níveis de ensino, independente do tempo de internação e clínica médica, desde que estejam liberados pela equipe médica. As salas estão estruturadas com mobiliário específico para o atendimento, e com materiais permanentes e de consumo, no entanto, sempre há carência de materiais por conta da baixa disponibilização do Estado. Como instrumento de apoio, possui TV, DVD, um computador, som, jogos, almofadas, suporte para soro, cadeira de rodas, brinquedos, livros didáticos, livros infantis, entre outros. Embora a descrição dos materiais disponíveis pareça satisfatória as necessidades são grandes, sendo solicitado com recorrência pedidos de doações para complementação

² Dado obtido recentemente em visitação à classe hospitalar. Portanto, pode-se verificar que o dado obtido do site que consta seis professores não foi atualizado.

de materiais a serem utilizados pelos estudantes, em especial, livros, folhas, lápis, borrachas entre outros.

O trabalho dos docentes se organiza de duas formas. Em um dos períodos é feito atendimento aos leitos e no outro o atendimento em sala de aula. O atendimento nos leitos é feito pelos docentes individualmente, pois há estudantes que não podem se deslocar até a sala de aula, seja pelo seu estado físico debilitado ou por estar em situação de isolamento necessitando de atendimento especializado.

Em síntese, essas são as características gerais da classe hospitalar em estudo, com a coleta de dados buscou-se obter um detalhamento das atividades pedagógicas realizadas pelos docentes e analisar o potencial para o ensino de Química.

METODOLOGIA

Inicialmente foram realizadas duas visitas a classe em estudo a fim de observar seu funcionamento, conhecer o espaço físico e a dinâmica do processo de ensino e aprendizagem deste espaço, bem como dialogar com os profissionais atuantes. Posteriormente, foram realizadas duas entrevistas semiestruturadas com docentes que atuam ou já atuaram na classe hospitalar. As entrevistas foram analisadas a partir dos pressupostos da Análise Textual Discursiva (ATD) método proposto por Moraes e Galiuzzi (2007).

Na ATD o material analisado é chamado de *corpus*, no caso deste trabalho as entrevistas. A ATD consiste de três etapas: a unitarização que se caracteriza pela fragmentação do *corpus*, em unidades de significado pertinentes aos objetivos da pesquisa. A categorização configura em agrupar as unidades de significado com ideias semelhantes. É possível chegar às categorias a partir de categorias já existentes na literatura, essas chamadas de “a priori”. Também é possível utilizar categorias emergentes que são aquelas que surgem a partir da análise do *corpus*, como é o caso das categorias apresentadas neste trabalho. Ou ainda é possível que existam categorias mistas, onde se tem combinação de categorias existentes na literatura com categorias que emergem a partir do *corpus*. E por fim, a comunicação constitui a última etapa em

que se constroem metatextos descritivos e interpretativos a partir dos dados coletados. Cabe ressaltar que na ATD não existe propriedade de exclusão mútua, ou seja, uma unidade de significado pode ser lida por diferentes perspectivas (MORAES; GALIAZZI, 2007).

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com dois docentes que atuam ou que já atuaram na classe hospitalar em estudo. Para garantir o anonimato dos entrevistados estes foram identificados pelos códigos D1 e D2 ao longo do trabalho, em que D corresponde a palavra docente. As entrevistas foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas. No momento da realização das entrevistas foram disponibilizados termos de consentimento livre e esclarecido garantindo o anonimato destes sujeitos e a permissão dos mesmos para utilização dos dados para este trabalho e outros derivados deste. Igualmente, buscou-se preservar o gênero dos investigados. Cabe salientar a presença da orientadora deste trabalho durante as entrevistas.

APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Da análise do *corpus* emergiram três categorias: processos de planejamento e desenvolvimento das ações pedagógicas na classe hospitalar, políticas públicas educacionais relacionadas à classe hospitalar, e :potencialidades formativas da classe hospitalar na área de Ciências da Natureza/Ensino de Química, apresentadas a seguir:

1. O processo de planejamento e desenvolvimento das ações pedagógicas na classe hospitalar

Esta categoria apresenta uma abordagem do processo de planejamento das ações pedagógicas na classe hospitalar, bem como o desenvolvimento destas ações a partir do relato dos entrevistados. O espaço da classe hospitalar é multisseriado, neste aspecto os docentes relatam como funciona o planejamento para os diferentes níveis de ensino:

Na realidade a gente tem um planejamento mensal, a gente tem uma vez por mês quando a gente para um dia para fazer esse planejamento.

A gente usa várias formas, não é muito Escola da Ponte, José Pacheco... mas a gente tenta buscar um tema em comum para que a gente possa dali estruturar várias atividades ou criar novas possibilidades. Nós somos pautados na proposta curricular de Santa Catarina então, a gente pega ali os eixos temáticos e a gente vai trabalhando, por exemplo, esse mês a gente vai trabalhar com folclore, então a gente promove várias ações e intervenções coletivas sobre folclore, traz pessoas de fora e agrega, mas a gente também trabalha sobre cultura popular, sobre as manifestações populares, sobre artes, dança, música, a gente traz a cultura. Se eu estou trabalhando, por exemplo, 4º e 5º ano história do Brasil, o descobrimento... então a gente vai trazendo todas as questões que já existem na temática de ensino só que a gente vai brincando dentro do folclore então a gente faz uma bagunça gostosa eu diria, sabe? (D1).

De acordo com D1 é realizado uma vez por mês um planejamento mensal onde se organiza o que vai ser trabalhado naquele período, pautados pela proposta curricular de Santa Catarina (2014) e pelos parâmetros curriculares nacionais (BRASIL,1998), que sugerem a utilização de eixos temáticos³, tais como, ética, saúde, meio ambiente, pluralidade cultural entre outros, de modo a articular os conteúdos e também diferentes áreas do conhecimento,. Os docentes elegem um tema a ser trabalhado e desenvolvem diferentes ações educativas relacionadas a este tema, como pode ser visto também na fala do D2:

Então, a gente tem um dia de planejamento por mês, daí nesse dia é reunido as duas classes e a gente elege um tema... vamos trabalhar sei lá folclore... alguma ideia assim... aí a partir dessa ideia a gente desenvolve todas as atividades, daí nesse dia também a gente já faz cópias porque a gente trabalha muito com xerox por causa do leite né, e também como a criança não tá com o material escolar dela ali a gente usa muito xerox porque daí também já agiliza as atividades na sala, já organiza... pra também não ter que copiar em quadro, essas questões, então a gente trabalha muito com cópias. Então nesse dia a gente já pesquisa atividades que são relacionadas a essa temática que foi escolhida, atividades em grupo que a gente pode fazer com as duas classes juntas, a gente já pensa também... a gente tem lá o cinema, a gente pensa num filme que a gente possa estar articulando. Então é uma vez por mês o planejamento(D2).

[...] na classe eu tenho oito alunos, oito escolas diferentes, duas ou três classes ou de quatro anos diferentes cada um com seu material... eu sou uma só dentro da sala, eu não vou conseguir dar conta de todos, de todas as dificuldades ao mesmo tempo então, quando eu tenho um tema norteador eu consigo colocar o 4º ano ajuda no 2º ano, entendeu? Aí a gente usa esses eixos que eu falei (D2).

O trabalho realizado pelos docentes na classe hospitalar parece aproximar-se do

³ Eixos temáticos representam uma organização articulada de diferentes conceitos, procedimentos, atitudes e valores para cada um dos ciclos de escolaridade. (BRASIL, 2008, 35p)

trabalho realizado na Escola da Ponte de Portugal, idealizado por José Pacheco, citado por D1, pois na classe hospitalar assim como na Escola da Ponte os alunos não são separados por níveis de ensino. Neste contexto, ter um tema central para todos os níveis de ensino, conforme destacado na fala de D2, parece facilitar a organização e desenvolvimento do trabalho docente. Isso não significa que não sejam explorados aspectos conceituais relativos a cada faixa etária no trabalho temático. Aliás é desejável que particularidades também possam emergir no processo de ensino e aprendizagem.

A escolha por uma temática que possa contemplar estudantes de diferentes níveis de ensino é um elemento que pode ser entendido também como uma possibilidade de auxiliar a superar a fragmentação excessiva e um ensino pautado demasiadamente na apropriação de conteúdos conceituais sem articulação com a realidade dos estudantes. A literatura de Ensino de Ciências aponta a abordagem temática como “perspectiva curricular cuja lógica de organização é estruturada com base em temas, com os quais são selecionados os conteúdos de ensino das disciplinas. Nessa abordagem a conceituação científica da programação é subordinada ao tema” (DELIZOICOV; ANGOTTI, PERNANBUCO, 2002, p. 189). Portanto, o trabalho desenvolvido na classe hospitalar parece ter sintonia com os pressupostos da abordagem temática que dependendo da forma como é desenvolvida possui um potencial problematizador no processo educativo, tanto para os professores que são desafiados a pensar em uma lógica diferenciada de ensino quanto para os estudantes.

Na classe hospitalar os conteúdos abordados através dos temas escolhidos no planejamento mensal são desenvolvidos através de diferentes estratégias de ensino, como a utilização de filmes citado por D2, também música, arte, dança... citados por D1, como forma de enriquecer o processo de aprendizagem dentro do tema escolhido. Fica explícito no trecho citado por D1 anteriormente a importância da presença de outros profissionais dentro da classe hospitalar, a fim de auxiliar na discussão e aprofundamento dos temas abordados. Por ser uma classe multisseriada, os docentes foram questionados sobre como são trabalhados dentro do tema escolhido os diferentes níveis de ensino. A partir do exposto é possível entender como se dá a abordagem das diferentes séries dentro da temática escolhida:

Então, como a gente faz esse planejamento mensal, nós temos as nossas “carta na manga” de todas as idades, por exemplo, eu tenho do 1º ao 5º ano, eu tenho atividades com o mesmo tema, só que de vários níveis, então eu tenho, por exemplo, uma história em quadrinhos de Curupira vamos supor, eu tenho uma interpretação de texto para o 4º

ano, eu tenho uma nova narrativa para o 5º ano, eu tenho uma separação de sílaba de para o 3º, eu tenho uma leitura iniciada para o 2º ano, eu tenho vogais e consoantes e descobertas diferentes de técnicas com o 1º... e assim a gente tem que ter muitas “cartas na manga”. Eu tenho muitas pastas, ali eu já tenho tudo organizadinho, eu preparo muito semanalmente, então sexta-feira que é um dia mais livre para o hospital porque tem muita alta, depois das três horas eu tenho uma horinha ali, então eu sento e já penso o que vou fazer para a próxima semana, mas é um planejamento meu.... Aí eu penso: segunda e terça vou trabalhar isso, então eu já tenho rapidinho e me organizo, já pesquiso, já faço impressão, já vou fazer as cópias se necessário, já penso... então, por exemplo, ontem eu planejei que hoje eu ia trabalhar com advinhas⁴, então hoje eu já fiz os exemplos, já imprimi advinhas, já fiz cartazes e a gente já colou pelo hospital ilustrando, eles fizeram os desenhos, fizeram os recortes e as colagens, fizeram mosaico e a gente foi brincando de advinhas pelo corredor do hospital (D1).

[...] a gente não tinha uma coisa muito... isso aqui é do 1º ano, isso aqui é do 2º ano... até porque, por exemplo, tu atendes uma criança do 1º ano que teve numa escola que forçou mais né, que teve um incentivo maior... essa criança já tá lendo, já esta escrevendo... então uma atividade até de 3º ano ela já da conta de fazer, dependendo do nível da atividade. E às vezes tu pega uma criança de 3º ano de uma outra determinada escola que né... que passou por outros processos educacionais e até por conta do próprio tratamento de saúde... às vezes teve esses afastamentos... e essa criança de 3º ano não sabe ler... isso acontece no momento ali, tu meio que decide, claro tem crianças que a gente fica três, quatro dias... tem criança que a gente fica um mês, um ano [...] aí a criança chegou na sala tu conversas um pouquinho com a criança e tal né, pergunta mais ou menos o que ela gosta na escola, o que ela gosta de fazer e tal... e é feito esse mapeamento ali assim, daí eu vejo a criança da conta de ler um texto e interpretar, não ela não da conta de fazer isso... então eu vou pensar outra atividade, vou sentar do lado dessa criança... [...] Então, não acontece um planejamento: esse é do 1ºano, esse planejamento é do 2º ano... a gente faz esse planejamento geral que eu te falei uma vez por mês, e no decorrer assim da semana vai se adaptando... isso é assim... é cansativo né porque daí... aí meu Deus, o que eu vou dar? Ah tah! Eu tenho que ir pensando na hora mesmo (D2).

É possível perceber, que além do planejamento mensal se faz necessário um planejamento semanal e por vezes até diário com intuito de um aprendizado mais efetivo dos estudantes presentes na classe hospitalar naquele momento. Compreende-se que a organização do trabalho na classe hospitalar acontece em torno do aluno, respeitando suas especificidades e isso norteia o desenvolvimento das atividades. Nos fragmentos é possível também notar a importância dos momentos de apreensão das concepções iniciais dos estudantes por parte dos docentes. Neste sentido, o diálogo e escuta atenta as particularidades são imperativos. Como destaca Freire (2005) o diálogo

⁴ Advinhas: perguntas em formato de charadas, que faz o sujeito pensar e se divertir.

começa na busca do conteúdo programático.

Daí que, para esta concepção como prática libertadora, a sua dialogicidade começa, não quando o educador-educando se encontra com os educando-educadores em uma situação pedagógica, mas antes, quando aquele se pergunta em torno do que vai dialogar com estes. Esta inquietação em torno do conteúdo do diálogo é a inquietação em torno do conteúdo programático da educação (FREIRE, 2005, p. 96).

Ou seja, o diálogo constante no trabalho na classe hospitalar como busca de uma educação problematizadora se faz necessário, isso coloca educador e educando em uma relação de proximidade no processo de ensino e aprendizagem.

Sobre o conteúdo vinculado aos adivinhas, emergem conteúdos de diferentes disciplinas da educação básica, porém pouco aparecem conteúdos vinculados as Ciências da Natureza/Química, o que pode estar relacionado à área de formação dos profissionais que atuam na classe hospitalar. Segundo a legislação do estado de Santa Catarina, sob a Portaria nº. 30, SED, de 05/ 03/2001, somente pedagogos podem atuar na classe hospitalar. Os estudos de Gatti (2009, p. 33) apontam que dentro dos cursos de pedagogia, os conteúdos como ciências e matemática, de modo geral, *“aparecem implícitos nas disciplinas relativas às metodologias de ensino, ou na concepção de que estes conteúdos são de domínio dos alunos do curso de pedagogia”*, logo, pode se concluir que não há um aprofundamento nos cursos de pedagogia nestas áreas do conhecimento, o que reflete nas ações educativas trabalhadas na classe em análise, onde não aparece na atividade citada por D1 adivinhas nas áreas de Ciências da Natureza/Química.

Sim, tem de tudo. Tem do folclore também, mas a gente tem varias de matemática, a gente tem varias brincadeiras têm de português, de erros de ortografia... eu fiz uma pesquisa, a gente brincou e ficou muito bacana. E a gente vai fazendo... (D1).

A rotina do trabalho desenvolvido pelos docentes na classe hospitalar acontece de duas formas: o atendimento no leito, para aqueles pacientes que não podem se deslocar até a sala seja pelo seu estado ou por estar em isolamento. E o atendimento em sala de aula. No entanto, para execução dessas duas formas descritas, outras atividades precisam ser realizadas. A rotina de trabalho do docente atuante na classe hospitalar vai além das questões relacionadas aos procedimentos de ensino e aprendizagem, tomando uma dimensão burocrática que inclui, entre outras atividades a interlocução com a escola de origem do aluno:

[...] a gente chega e a gente tem uma senha e o login da [nome do sistema utilizado] que é o sistema de saúde, não é o Sistema Único de Saúde, é um sistema do hospital, então ali a gente tem acesso apenas ao item “localização de internados” onde a gente consegue entrar em cada unidade ver o nome dos pacientes, nome e data de nascimento só, a gente não tem acesso a mais nada, então ali a gente vê as crianças que tem idade ou que teriam idade para estar do 1º ao 5º ano ou do 6º ao 9º ano, a gente faz uma listagem e a gente vai de unidade em unidade, a gente conversa com essas crianças, a gente primeiro passa no posto de enfermagem e pergunta: essa criança pode sair? Não pode sair? Então aí eles vão dizer... essa criança é PC (paralisia cerebral), essa é deficiente auditiva, essa é deficiência física... daí não nos compete. [...] ... então a gente primeiro vê quem pode, quem não pode, e aí a gente vai até a criança, até a família ou acompanhante, quem está lá e apresenta o projeto, então a gente apresenta o que ele é, da forma que ele acontece e convida essa criança para ir até a sala, faz um cadastro onde nesse cadastro consta o nome e a data de nascimento, cidade onde reside, ano e turma escolar, nome da mãe por que nas matrículas do estado e de todas tem que ter o nome da mãe, e o nome da escola, aí a gente faz esse cadastro convida a criança e aí a gente depois de fazer esse levantamento se organiza. Aí se organiza eu tenho cinco leitos e dez alunos em sala, então eu sei que vou atender os meus cinco leitos agora de manhã ou vou atender três de manhã e dois à tarde, organizo meu horário com [nome do outro docente] e depois à tarde eu espero eles na classe. [...] E nos horários vagos a gente entra em contato com as escolas, então no terceiro dia de internação eu ligo para todas as escolas e falo o “fulano” está sendo atendido pela equipe pedagógica do hospital e assim que ele for de alta eu vou encaminhar um relatório para vocês descritivo, então para cada paciente que vai de alta e ficou mais de três dias internado eu faço um relatório descritivo. Não posso avaliar, mas ali eu coloco todos os objetivos de aprendizagem, todas as considerações o meu parecer pedagógico e encaminhamento para as escolas(D1).

O trecho acima mostra o quanto este profissional tem que estar “preparado” para lidar com diferentes demandas diante da rotina da classe hospitalar. Ao se dedicar ao atendimento das diferentes demandas que aparecem no dia a dia da classe, os docentes vão ao encontro do que diz Paulo Freire (1997) no que diz respeito ao quanto é preciso ousar no fato de ser professor, educador, que se vê responsável pela formação permanente daqueles sujeitos. Dentre as demandas encontradas pelos docentes, podemos citar as dificuldades do atendimento no leito e no isolamento:

[...] tanto que um dos projetos eu e [nome do outro docente] montamos também era a solicitação de tablets para trabalhar no leito, porque às vezes tu quer levar um vídeo porque poxa tem um vídeo aula lá que vai dar aquele gás, que ia motivar a criança... não, mas tem só um computador, mas o computador é um trambolho... daí chega lá no leito e não é só uma criança no leito, são várias crianças daí é complicado né... então a gente não conseguiu... a Secretaria de Educação nos falou nossa que projeto bonito, tá muito legal a gente vai mandar quatro tablets para vocês... gente acho que até agora estão

esperando e ainda e não mandaram [...](D2).

[...] a gente chega no isolamento primeiro fala com a enfermaria, em todas as unidades a gente sempre vai falar com a enfermaria primeiro para perguntar olha chegou essa criança ela pode ir lá para classe? Ela pode ser atendida aqui no leito? não [nome do docente] leva ela para classe porque ela precisa caminhar, ela precisa sair daqui... ah então tá bom, vou levar! Então, no isolamento também a gente chega, pergunta... no isolamento claro, a criança não pode sair, mas a gente precisa saber se pode ou não entrar, porque tem casos que a gente não pode entrar mesmo né, então ah pode entrar, daí é colocado todo material, avental descartável, luva... tudo descartável porque tudo de isolamento é contagioso, então tudo tem que ser jogado fora, daí tu entra faz contato com a criança e tal e já pensa coisas que vão ficar lá né, então a gente já leva o caderno que vai ficar que a gente dá para criança, um jogo de lápis, a gente já presenteia a criança com o jogo, esse jogo de lápis é seu! Você pode ficar pra você! Então, a gente já leva todo material e aí vai trabalhando. Mas eu quero trabalhar com livro com essa criança, então eu penso em livros que dá para dar assim, porque a gente ganha bastante doação então assim ah esse livro eu vou dar pra essa criança, aí eu levo e digo esse livro eu trouxe pode ficar para você esse livro [nome do docente] tá te dando né, então eu trabalho lá dentro. E aí a gente trabalha assim no isolamento, com luva, com máscara, com todo aquele equipamento[...](D2).

Em ambos os trechos é notável que o planejamento é essencial para que o atendimento na classe hospitalar aconteça com sucesso, embora por vezes, este seja prejudicado por conta burocracia que envolve esse processo. Porém os docentes que atuam na classe não medem esforços para garantir o atendimento de cada aluno da classe, por vezes se pondo em situação de risco ao atender no isolamento, por exemplo. Pois a questão do isolamento não traz riscos somente para a criança que pode ser contaminada, mas aos profissionais que lá atuam como é o caso de tratamentos quimioterápicos com iodo em que o paciente deve ficar isolado por um período em razão de seu corpo emitir radiação. No caso da iodoterapia quando o ^{131}I , com uma atividade acima de 1,11GBq ou 30 mCi (unidades de medidas de atividade radioativa), é aplicado no paciente em tratamento este deve manter-se em isolamento (RISSATO et al, 2009). O ^{131}I é um emissor de partículas alfa e beta, ao ingeri-lo durante o tratamento o paciente passa a ser um emissor principalmente das partículas gama, deste modo os profissionais em contato com este paciente ficam expostos a essa radiação. Há outros casos também de isolamento por algum tipo de vírus ou bactéria que também pode colocar o docente em situação de risco. Em síntese, o atendimento ao leito a estudantes em isolamento pode ter implicações à saúde do docente de modo a evidenciar a complexidade de atuação dos professores em classes hospitalares.

O atendimento na classe hospitalar é destinado a estudantes do 1º ao 9º ano do ensino fundamental, que compreende faixa etária de seis a quatorze anos (BRASIL, 2012). Porém o hospital, onde esta a classe hospitalar que é objeto deste estudo, atende crianças e adolescentes de zero a quatorze anos, onze meses e vinte e nove dias. E por vezes recebe na classe hospitalar alunos oriundos do ensino médio:

Esses alunos de 1º ano que chegam a gente tenta inseri-los, aí o que a gente faz? A gente gosta muito da promoção da leitura, então a gente oferece livros, literaturas, questões de vestibular... e a gente tem algumas coisas prontas e a gente convida para vir para a sala da classe para auxiliar os menores em alguma coisa que eles são bons para que eles não se sintam excluídos(D1).

[...] atende de 1º ao 5º, e de 6º ao 9º ano daí... o hospital atende crianças de até quinze anos, tem criança que já passou do 9º ano, mas está lá no hospital ainda, então aí a gente acaba atendendo também as crianças do ensino médio, mas daí só com orientação e tal [...](D2).

Os trechos acima mostram o compromisso social dos entrevistados, que embora fora da faixa de atendimento, inserem todos os sujeitos hospitalizados na classe. Denotando assim o comprometimento efetivo com a educação, bem como sua preocupação com a formação desses sujeitos:

Então, a gente tem que fazer todo o relatório e demanda muito tempo porque tu não podes colocar qualquer coisa, a criança tá ali, ela tá num processo... muitos a gente alfabetiza, tem os crônicos que ficam meses, tem tratamento quimioterápico que fica muito tempo também, na unidade de queimados fica mais tempo também, então a gente tá com pacientes ali com fratura de fêmur, que não pode se mexer da cama, já esta ali há dez, quinze dias... então a gente tem muita coisa pra colocar e a gente não pode colocar qualquer coisa, tu não pode copiar e colar, cada criança é uma especificidade porque eles são únicos, é um atendimento individual desse paciente principalmente o paciente de leito, então tem todas as especificidades e é isso [...](D1).

O trecho acima evidencia o quanto o profissional que atua nessa área, vai além do pedagógico, e reitera o seu compromisso com o educando, ao dedicar-se as especificidades de cada sujeito. Mostrando a sua preocupação com a reinserção escolar desses estudantes:

[...] é um direito da criança ter essa continuidade, que eles chamam de continuidade, o que eu não gosto. A minha preocupação é com a reinserção escolar, como essa criança vai chegar na escola depois, com esse tempo de hospitalização, por que... ah, eu não estou estudando, eu vou chegar lá burra como eles dizem né... então a gente quer dar essa continuidade, mas eu digo que estou ali para sanar dúvidas, para fazer com que eles continuem aprendendo ou então que

eles sanem as dificuldades que já trazem da escola de origem. [...] (D1).

Destaca-se assim, a importância desses profissionais na tentativa de diminuir as possíveis lacunas causadas pelo o afastamento desses sujeitos da escola de origem durante o tratamento de saúde, promovendo um processo de reinserção escolar destas crianças e adolescentes internados. Cabe mencionar que os estudantes são oriundos de escolas diferentes com propostas e estilos diferentes de ensinar e que os professores das classes hospitalares entram em contato com esse público heterogêneo e que em alguns momentos a forma de proceder da escola de origem do estudante vai de encontro com as perspectivas teóricas e metodológicas dos docentes da classe hospitalar. Ao se olhar para esse espaço formativo é preciso compreendê-lo nos seus detalhes.

COMIN (2009) em seus estudos menciona duas diferentes perspectivas para o trabalho pedagógico em classes hospitalares, sendo: a primeira perspectiva representada pela continuidade dos conteúdos educativos-escolares, do currículo formal. E a segunda perspectiva preza pelo aspecto lúdico das atividades realizadas, de modo a contemplar atividades mais recreativas, uma vez que os estudantes estão em um momento delicado de tratamento de saúde. Tais vertentes foram observadas no trabalho realizado pelos docentes:

[...] então faz isso, daí aí leva alguma coisa para pintar também né, para alegrar eles, pra não ser só conteúdo assim, para ter um lúdico assim, aí levamos os jogos, a gente tem muitos jogos a gente trabalha bastante com jogos lá no hospital. Daí a gente tem as mesinhas de café da manhã que a gente leva para trabalhar no leito ou a prancheta, com um adolescente a gente leva a prancheta porque é mais atividades escrita e tal, com os pequenos de 1º ao 5º a gente leva a mesa de café da manhã, daí dá para montar tabuleiro de jogos e tal. [...] (D2).

Assim aí tem uns dias né de fazer atividade coletiva, dia de cinema... no dia a dia a gente faz muito isso sabe, até porque assim, não dá para uma dinâmica muito pesada né, a gente tá no espaço... a gente tem que entender que aquelas crianças estão em processo de tratamento de saúde, então tem que ser coisas que sejam a gradáveis minimamente né? Claro, eu sou super do conteúdo e [nome do outro docente] também então a gente super: não, tem que ter conteúdo! Sim, tem que ter conteúdo, mas numa contação de história, num... tem conteúdo ali, às vezes não tá tão explícito como uma atividade materializada no xerox, mas tem conteúdo né [...] (D2).

Constata-se que os docentes realizam na classe hospitalar uma combinação das duas vertentes apontadas por COMIM (2009). Os docentes demonstram uma preocupação com os conteúdos escolares, aspecto a salutar, pois de fato tanto a escola

quanto a classe hospitalar que é uma modalidade formal de educação devem ter esse compromisso social em abordar os conteúdos escolares. Chama atenção em especial na fala de D2 a dimensão metodológica do trato dos conteúdos que como sugere pode estar presente na contação de histórias. Tal aspecto evidencia que forma e conteúdo devem ser vistos de forma indissociável no processo de ensino e aprendizagem.

Em diferentes momentos das entrevistas, os docentes demonstraram preocupação com a relação do ensino e aprendizagem, bem como a seriedade da classe hospitalar e a garantia do processo de reinserção escolar dos estudantes:

[...]só que a gente precisa mostrar essa seriedade e principalmente para aquelas crianças que vão ficar muito tempo. Porque é para essas crianças que realmente o programa vai fazer sentido futuramente, porque imagina... o [nome do aluno] ficou um ano com a gente, imagina se ele tivesse ficado um ano sem acesso à escola, sem acesso a essa relação professor-aluno sabe, por mais assim que a mãe dele até depois cogitou a ideia de não validar, a mãe dele falou: “ah, eu acho que eu vou botar ele no mesmo ano”. Porque né? eu falei olha fica à vontade, só que a relação que ele teve... ele leu duzentos gibis, eu contei, imagina a relação que ele teve com o conhecimento dentro do hospital... se não vai validar, se ele vai ter que repetir esse ano, não interessa, isso é o de menos, mas a relação de ensino-aprendizagem que ele teve...[...] garantir essa relação ensino-aprendizagem, essa figura do professor, isso é um ganho bem grande dentro do hospital porque gente, tem hospital que não tem isso, então o adolescente fica lá durante um ano e imagina sem esse contato assim com aprendizado, que é o contato com a vida né? (D2).

Cabe discutir os motivos pelos quais esses alunos, mesmo podendo validar o período na classe hospitalar, optam por repetir o ano escolar na escola de origem. Caso o quadro de docentes que atuam na classe hospitalar abrangesse mais áreas, seria necessário o aluno repetir o ano escolar após a alta da classe? São indagações que se presume podem permear o pensamento dos responsáveis pelos estudantes. Sabe-se da necessidade de ter profissionais de outras áreas de conhecimento além dos pedagogos atuando nestes espaços. Aspecto que fortaleceria a formação desses estudantes. No entanto, o relato de D2 remete uma crítica a essa possível visão simplista do processo de ensino e aprendizagem caracterizada pela clássica abordagem escolar de explanação de conteúdos conceituais, realização de exercícios e por fim uma prova final para verificar o aprendido. O fragmento de D2 parece estar em sintonia com uma concepção de ensino mais ampliada em que o aprendizado se dá em diferentes perspectivas. Vale a ressalva que em outro fragmento este mesmo entrevistado demonstra preocupação com o

aprendizado dos conteúdos escolares, fator que sugere que as atividades diferenciadas desenvolvidas na classe hospitalar são permeadas de conteúdos escolares.

Alguns autores como Silveira (2013) apontam que a literatura infantil pode ser uma importante ferramenta pedagógica unindo diversão, imaginação e conhecimento a fim de favorecer o processo de ensino e aprendizagem. Os docentes da classe hospitalar utilizam a leitura de modo a enriquecer este processo: [...] Eu gosto de trabalhar com livros, sempre levo livros, adoro trabalhar com leitura eu fiz a formação no PNAIC em 2015 ela me trouxe um aprendizado intenso, então eu tenho mania de iniciar as minhas coisas sempre com leitura, um poema, uma frase, uma frase de impacto, então eu trabalho muito com gibi, com livros, com livros didáticos, com livros de literatura mesmo, então a gente vai trabalhando assim, só tem que ter esses cuidados com o tom da voz, com uma luz apagada, de ter que ligar a luz daquele leito. E também tem que ter a sensibilidade de compreender que a criança não está querendo, que a criança não está se sentindo bem, por mais que ela queira demais quando ela tiver o atendimento da classe ela até melhora, mas ela não tem força. [...] (D1).

[...] a criança fala: olha eu só to aqui hoje amanhã eu já estou indo embora... mas você não quer ler alguma coisa? um gibi? uma história? Ah então tá então eu quero ler, ler quero, então a gente oferece uma leitura... [...] (D2).

Embora a promoção da leitura na classe hospitalar aconteça com frequência, poucas leituras estão relacionadas com a área de Ciências da Natureza/Química. Autores como Silveira (2017) e Linsigen (2008) discutem sobre o potencial da literatura infantil para o ensino de Ciências da Natureza/Química. Tal metodologia poderia ser utilizada na classe hospitalar, onde além do incentivo a leitura poderiam ser abordados conteúdos referentes a esta área do conhecimento. A pouca utilização de leituras que explorem o campo das ciências na classe hospitalar em análise, o pode estar relacionado com a formação dos profissionais que atuam na classe, conforme aponta Gatti (2009) quanto questiona a formação dos professores de algumas áreas como a pedagogia.

Segundo José Pacheco (2016, p.12) “*a aprendizagem acontece quando um vínculo afetivo é criado. No processo de mediação pedagógica assegurado pelos professores, os jovens vão passando da informação à produção de conhecimento.*” Indo ao encontro da concepção de José Pacheco, os docentes manifestam-se sobre essa questão:

[...] Da mesma forma que as pessoas falam: ai não faça vínculos, ninguém trabalha sem vínculos! Desculpa, eu falei assim oh: eu posso ser jovem, eu posso estar a pouco tempo na área da educação, mas

sem vínculos já diz José Pacheco: “sem vínculos não há aprendizagem”, porque eu tô trabalhando com crianças, eles estão aprendendo sobre a vida, se eu não chegar pra eles com alguma coisa boa, que vai agregar, eles não vão querer me ter por perto, então sem vínculo eu não trabalho. Claro o vínculo não é de primeira, eu não consigo no instante que eu vejo, mas é uma construção, então eu não consigo realmente executar nada se eu não conseguir criar um vínculo com a criança e muitas vezes com a família também. [...](D1).

A fala de D1 demonstra que esse profissional não restringe a sua atuação docente à dimensão cognitiva, demonstrando que a afetividade no ambiente escolar contribui para o processo de ensino e aprendizagem considerando que o professor também precisa ouvir seus alunos e ainda estabelecer uma relação de troca.

Outro aspecto mencionado pelos entrevistados que poderia ser melhorado diz respeito ao relacionamento com a escola de origem dos alunos:

[...] tinha essa questão da gente ligar para todas as escolas aí elas não mandavam o conteúdo, que a gente ligava pedindo o conteúdo, aí a criança ficava três dias, aí no quarto chegava o material da escola aí também não tinha mais utilidade, então a gente... passou de três dias a gente liga para a escola depois de três dias eu não sei se é isso ainda talvez tenha mudado... passou de três dias a gente liga para a escola e aí sim comunica do atendimento, faz a solicitação de material, assim a solicitação de atividades a gente tinha parado por que não vale muito a pena porque o que acontecia, a professora às vezes ficava insegura ou não tinha tempo mesmo, a forma que ela trabalhava na escola, na sala às vezes não tinha coisa organizada para mandar para a gente, então ela ia lá na internet pesquisava o conteúdo que ela tava dando e nos mandava as atividades, só que isso a gente pode fazer né? [...](D2).

[...] Chega na escola às crianças repetem o ano, o relatório chega, mas a orientadora educacional recebe e deixa de lado, não chama a professora para dizer olha esse aluno foi atendido pela classe... eles mandaram um relatório, olha os conteúdos que foram trabalhados... então a gente não tem essa ponte com a escola, ainda é bem fragilizada assim. [...](D2).

Embora tenha por parte dos entrevistados uma tentativa de conexão mais efetiva com as escolas de origem, o *feedback* das escolas para a classe não acontece como o desejável, seja na demora do envio do material, ou na evolução escolar das crianças e adolescentes após o atendimento pela classe e alta das mesmas do hospital. Segundo os docentes isso pode acontecer devido à rotina de trabalho dos profissionais na escola de origem que por vezes não permite esse retorno, ou ainda porque as escolas de origem não reconhecem o trabalho realizado pela classe hospitalar, o que pode levar o aluno a repetir o ano escolar ou não ter um acompanhamento efetivo da escola durante o período de internação.

Fica evidente que o planejamento é primordial para o sucesso do trabalho pedagógico na classe hospitalar, que é realizado através de diferentes estratégias de ensino que contemplam o lúdico sem desvincular dos conteúdos escolares. Enfim, é notório que a organização do trabalho docente na classe acontece em função do aluno, respeitando a especificidade de cada sujeito, o que demonstra o comprometimento destes docentes com o processo de ensino e aprendizagem, que tentam abordar diferentes conceitos, a partir de temas norteadores, dentro do que permite a área de formação destes profissionais.

2. Políticas públicas educacionais relacionadas à classe hospitalar

Apresenta-se aqui a discussão acerca das políticas públicas educacionais associadas à classe hospitalar e as implicações na atuação docente e no ensino de Ciências. De acordo com Pinto (2014) a falta de professores é um problema recorrente no Brasil, e este é também um dos desafios encontrados pela classe hospitalar, assim como a formação dos profissionais que atuam nestes espaços que não condiz com a realidade encontrada pelos docentes na classe hospitalar:

Na realidade a nossa maior dificuldade realmente é com o número de professores. Antes era um número mais reduzido, nós tínhamos três professores, dois de quarenta horas e um de vinte horas, só que a gente tem uma demanda muito grande no hospital. O hospital atende o estado inteiro, a gente atende todas as clínicas possíveis menos a UTI, então assim a gente atende a unidade B que de pós-cirúrgico, unidade D que é pneumo, que é nefro, que é questões de pneumonia, rim, fígado... a gente atende a unidade E que é cardiologia, a gente atende até isolamento que é infecto, a gente atende até questão de psiquiatria, ortopedia, oncologia, unidade de queimados... então a gente só não atende UTI mesmo, nem UTI neo nem berçário né, então a gente tinha essa dificuldade de ter poucos profissionais, a gente tá numa luta assim para ter mais profissionais porque a gente tem muita demanda de pacientes no leito que são pacientes que a gente não pode tirar da cama, mas agora deu uma melhorada porque nós estamos com cinco professores, estamos com dois de quarenta horas e dois de vinte horas por causa dessa colocação de hora atividade (D1).

[...] A gente tem a formação para trabalhar matemática e tudo do 1º ao 5º ano né, então o que acontece com os adolescentes quando eu atendia, por exemplo, aí tá: eu tô com dificuldade em química ou biologia e tal... eu perguntava o conteúdo, eu nem lembrava mais daquele conteúdo tá, então tá bom... eu vou anotar aqui, eu vou pesquisar e vou ver o que eu posso fazer, daí imprimia algum conteúdo e daí junto com a criança eu ia trabalhando assim para tentar né dar conta assim, mais é difícil... é complicado né porque são conteúdos bem específicos [...](D2).

Conforme apontado por D1, assim como nas escolas regulares, na classe hospitalar a grande demanda de trabalho onde atuam poucos profissionais também é um problema recorrente. O que se pode associar as políticas públicas educacionais vigentes que desvalorizam e desqualificam a educação pública, assim como a desprofissionalização do trabalho docente repercutindo sobre a organização escolar, causada pelo baixo número de profissionais contratados pelo estado, diante da demanda existente. Aqui em Santa Catarina o último concurso público realizado para contratação de professores foi em 2012, onde foram contratados cerca de 2000 professores, para atuarem nas séries iniciais e nos níveis de ensino fundamental e médio nas unidades escolares da rede pública estadual de ensino, segundo o edital publicado na época⁵. Desde então foram contratados somente professores em caráter temporário, os ACT's. Onde a cada ano estes professores prestam concurso a fim de assumir as vagas disponíveis pelo período de no máximo um ano escolar. Porém essas vagas, assim como a carga horária, nem sempre é suficiente para suprir a necessidade do estado. Perpetuando a política vigente de baratear a mão de obra docente com a contratação de ACT's de modo a reforçar a política de não colocar a Educação como um dos eixos prioritários do governo.

Outro ponto citado pelos entrevistados é a questão da formação inicial que não condiz com a realidade do trabalho na classe. A maioria dos docentes que atua na classe hospitalar atualmente tem formação inicial na área da pedagogia, o qual habilita estes profissionais para atuarem nas séries iniciais do ensino fundamental, do 1º ao 5º ano, conforme dito por D2, porém de acordo com a legislação a classe deve atender alunos de 1º ao 9º do ensino fundamental. Ou seja, os docentes que atuam neste espaço acabam exercendo uma função fora de suas habilitações. Nessa direção, se faz necessário políticas de valorização desse espaço que passem pela contratação de docentes ligados as áreas de conhecimento.

Outra lacuna também relaciona a políticas educacionais concerne os cursos de formação de professores não explorarem dimensões ligadas a espaços como o da classe hospitalar:

[...] e eu nunca soube da existência da classe antes, ela é escondida na realidade, eu acho que com esses profissionais a gente vai conseguir

⁵ Disponível em <
https://www.acafe.org.br/new/index.php?endereco=concursos/magisterio_2012/principal.php>

aprender os olhares, iria trazer mais movimento, fazer ser reconhecida, circular, mais profissionais e agregar mais conhecimento de todas as áreas, eu acho bem importante mesmo.(D1).

Neste sentido, os cursos de formação de professores de diferentes áreas do conhecimento poderiam explorar mais o processo de ensino e aprendizagem instituído nesses locais formativos. A inserção de estagiários pode constituir uma oportunidade de reflexões sobre as especificidades do exercício da docência nesses espaços. Igualmente, a presença de estagiários e dos formadores de professores de diferentes áreas do conhecimento pode favorecer um processo de formação permanente de professores que atuam nas classes hospitalares e dos formadores de professores. Com isso não estamos afirmando que os estagiários e formadores de professores substituíram a pujante presença dos docentes de área do conhecimento e sim reforçando as potencialidades da interlocução entre estes diferentes sujeitos.

Durante o levantamento de dados, na parte inicial deste trabalho, foi constatado que em um determinado período houve a atuação, na classe hospitalar de estagiários de diferentes áreas do conhecimento, ao indagar os entrevistados sobre a presença de estagiários hoje na classe, D1 comenta:

Eu acredito que seria bem importante da química, extremamente importante de pedagogia e das áreas de português, matemática, de ciências, das línguas estrangeiras... claro que a gente tem que compreender que nós temos cinco dias da semana, eu sempre digo que é o atendimento formal no espaço não formal, porque o atendimento escolar ele acontece da mesma forma que uma escola regular: tem planejamento, tem chamada, tem atividade, tem relatório, tem conversa com a escola... a gente só não dá nota porque a gente não pode avaliar, porque quem tem que fazer isso é a escola de origem do paciente, mas a gente funciona como uma escola formal tendo o aprendizado todos os dias né, então a gente compreende que muitos estagiários de diversas áreas ao mesmo tempo não daria certo, mas programar um por semestre ou cada área em um semestre... esse semestre vai ter um estagiário de química, dois alunos duas vezes por semana, por exemplo. (D1).

O relato de D1 mostra que a classe é um espaço formativo com grandes potenciais para os cursos de formação de professores e para a própria equipe e alunos da classe hospitalar. Pois de acordo com o relato de um docente da classe hospitalar que surgiu através da fala de D2, é importante a presença desses sujeitos com formação em diferentes áreas a fim de contribuir com a questão da responsabilidade formativa dos usuários da classe hospitalar:

[...] ela que começou a ver assim, nossa eu não dou conta de ensinar química, eu não dou conta de ensinar biologia... ela era da área de letras português, e ela falou olha: “tem que ter professores de área a gente não consegue dar conta” e aí ela que foi buscando, mas segundo a legislação é só pedagogo, então a secretaria do estado falou: tu podes escolher duas áreas. Daí já tinha letras, daí ela pode escolher mais duas áreas, já tinha letras que era ela e [nome do outro docente] que é professora de letras também, aí ela falou então vamos pedir uma da área de exatas, matemática ou alguém de exatas, podia ser de física, podia ser alguém de química, e tal... mas que tivesse vinculado a área de exatas e alguém da biologia, para tratar das ciências sociais e biológicas, aí foi isso que ela conseguiu . Ela conseguiu por bastante tempo porque eu acho que ficou professor de matemática lá por seis anos. Aí assim também é muito instável porque o professor tá lá daí sai, daí fica sem, então volta, então por um tempo teve professor de matemática, por tempo teve professor só de biologia, sabe foi variando [...] (D2).

Os docentes da classe da classe hospitalar, na sua maioria são pedagogos que estão diante de uma demanda que exige mais do que a sua formação inicial, e quando D2 diz que: “[...] lá a gente não consegue garantir realmente uma escolarização com todos os conteúdos, com todas as estruturas, por conta de todos os limites [...]” isso aponta o potencial deste espaço para atuação de outras áreas. A necessidade de professores de diferentes áreas do conhecimento foi um argumento recorrente ao longo das duas entrevistas, conforme explicitado:

[...] então tem professora de português, mas só tem ela os outros quatro são pedagogos. Então as dificuldades na realidade são essa questão de profissional, de capacitação, que a gente queria ter sempre, mas ... busca sempre na formação continuada, uma forma de estar revendo conceitos, de estar agregando novas possibilidades de conhecimento, de fazer oficinas, por exemplo, com pessoal da matemática, de química, de português... para que a gente vá se atualizando se situando para trazer coisas novas, então assim, eu vejo mais essas dificuldades que eram de profissionais, e que não sei se vai permanecer porque isso é temporário, é até janeiro esses profissionais né, mas essa questão de formação continuada que o professor tem que estar sempre se atualizando e também diria até de recursos né (D1).

A falta de profissionais de outras áreas acaba fazendo com que os professores que estão atuando hoje na classe hospitalar tenham que buscar uma atualização feita por terceiros, quando na verdade deveria ser oferecido pelo governo, como formação continuada de modo a promover a articulação entre a qualificação e o exercício da docência ao processo de ensino e aprendizagem a estes docentes. Quando essa formação adequada para atuação na área específica deixa de acontecer, deslocando o profissional para atuar em áreas na qual não tem formação, essa política do “tapa furo”, pode vir a

debilitar a formação oferecida neste espaço:

[...] é aquilo que eu volto a dizer o pedagogo ele tem uma formação até o 5º ano, então é aí que a gente tinha que parar e refletir, por que, por exemplo, ao mesmo tempo que a classe tá num bum de aparecer ela também é esquecida, porque as pessoas compreendem a classe de uma forma, acham que é jogar o professor lá e tá bom. Só que a gente não tem competência para trabalhar do 6º ao 9º ano, então a gente combinou no início do ano que a gente vai trabalhar do 1º ao 5º ano com as áreas básicas: português e matemática apenas, aí matemática as quatro operações porque é o que a gente consegue dar conta. A gente pode ir mais além? pode, mas pra isso também a gente precisa dessa formação continuada que eu já tinha te dito que a gente precisava ter, de alguma forma ou de outra. Então se vierem me perguntar, eu já falei para [nome das pessoas] que trabalham comigo, se vier alguém da educação me perguntar eu vou dizer que sim, eu não dou conta de trabalhar do 6º ao 9º ano, tanto que eu estou lá desde 20XX e eu estou sempre do 1º ao 5º ano, porque eu teria também que estar me resignificando, fazendo uma reciclagem e faria com muito prazer, mas eu acho que a gente tem espaço pra todo mundo e que cada profissional tem que atuar na sua área, então se não nos compete a gente tem que deixar aberto para que outros profissionais adentrem o nosso espaço e não fechar esse espaço(D1).

Surge mais uma vez a questão da necessidade da atuação, na classe hospitalar, de profissionais de diferentes áreas, atuando cada um em sua área de conhecimento, respeitando a formação de cada profissional a fim de atender as disciplinas e conteúdos que contemplam o ensino fundamental, do 1º ao 9º ano, nos quais a classe atende, de modo a tornar o ensino na classe hospitalar mais articulado com o ensino das escolas.

A maioria dos professores que atuam hoje da classe hospitalar são ACT's, dado que reflete o quadro docente do estado de Santa Catarina, onde segundo a Secretaria Estadual de Educação os ACT's representam 55,4%⁶ do quadro docente do estado, segundo a última atualização de agosto de 2017. O que mostra o descaso do governo com os profissionais da educação, pois os professores ACT's têm seus direitos reduzidos diante dos professores efetivos:

Porque o ACT não tem direito a insalubridade, o ACT não tem direito a nada então a gente não tem insalubridade. Ah! Então, vocês não atendem? Mas não tem como não atender, a gente tá lá e a gente sabe que aquela criança sempre interna, ele é apaixonado pela escola, se tu sabe que a criança tá lá, ele vai te ver, vai saber que tem escola e tu não vai... é bem injusto com a criança, mas a gente pensa um pouquinho na gente também, então a gente vê a possibilidade... não pode? Então eu coloco o avental, a luva, coloco a máscara, que tem todo os aparatos na entrada, e o material que a gente entra a gente não

⁶ Disponível em < <http://www.sed.sc.gov.br/secretaria/educacao-em-numeros> >

pode sair, então o que vai é do nosso conhecimento e do aprendizado, do que eu quero para aquela criança, então geralmente eu faço impressão, eu pego livros... o que geralmente faço eu tenho estoque de livros didáticos sempre do ano que nós temos por ser ligado à escola (...) que é ali perto, então eu vou lá e pego dois, três livros de cada ano e vou trabalhando com aquele livro. Então esse aluno tá no 3º ano... claro, que é só português ou matemática, ou geografia, ou ciências... mas eu tô aprendendo com ele então eu vou usar de tudo e a gente vai usando aquilo, porque quando ele for de alta aquilo tudo vai ser carbonizado, então não vai existir mais, mas o atendimento acontece, eles continuam aprendendo, vai material para a escola... (D1).

Percebemos que embora não recebendo insalubridade, que é um direito inerente deste profissional subtraído pelo governo do estado, por estarem na condição de admissão em caráter temporário, estes docentes ainda sim se colocam em risco, para garantir o atendimento aos alunos da classe hospitalar:

[...] a gente atende a unidade E que é cardiologia, a gente atende até isolamento que é infecto, a gente atende até questão de psiquiatria, ortopedia, oncologia, unidade de queimados... então a gente só não atende UTI mesmo [...] (D2).

[...] então nesse aspecto da doença eu nunca tive grandes preocupações assim eu acho que uma vez que teve três casos de gripe A no hospital e eu fiquei gripada, eu acho que foi a única vez que eu fiquei: meu será que eu peguei gripe? Daí deu uma preocupaçãozinha, mas assim acabou que eu não tava com gripe A, foi só uma gripe forte mesmo, mas assim nunca me pegava muito pensando nisso para ser sincera [...] (D2).

É possível constatar o comprometimento destes docentes, mesmo diante do descaso do governo com esses profissionais, levando a uma naturalização por parte desses docentes, dos riscos existentes no ambiente de trabalho. Além de não receber a insalubridade, como já foi citado, os professores ACT's sofreram ainda outras perdas com a implantação da Lei complementar 668 de 28 de dezembro de 2015⁷, que veda a hora atividade desses profissionais, por exemplo, que seria o período da carga pedagógica desses professores, destinado à preparação das aulas, correção de provas e atividades afins.

Além da negligência nas questões referentes aos recursos humanos desta categoria, também se constata um descaso referente aos recursos materiais, que deveriam manter o funcionamento da classe:

⁷ Disponível em <
file:///C:/Users/Meu%20Computador/Downloads/lei_complementar_n%C2%BA_668_de_28dezembro_2015.pdf >

[...] Porque a gente tem poucos recursos o que a gente recebe é um numero “X” de recursos em março ali da Secretaria de Educação do Estado, mas não é muita coisa, a gente consegue bastante coisa do hospital, mas aí também tem bastante doação então é mais ou menos isso(D1).

Como consequência desta falta de recursos a classe hospitalar acaba buscando doações de terceiros para conseguir manter-se. Aspecto preocupante e que merece destaque relacionado ao investimento em políticas públicas educacionais.

Segundo legislação estadual, somente pedagogos podem atuar na classe hospitalar, de acordo com a Portaria nº. 30, SED, de 05/ 03/2001, porem a legislação nacional não restringe à docência na classe hospitalar somente ao pedagogo:

O professor que irá atuar em classe hospitalar ou no atendimento pedagógico domiciliar deverá estar capacitado para trabalhar com a diversidade humana e diferentes vivências culturais, identificando as necessidades educacionais especiais dos educandos impedidos de frequentar a escola, definindo e implantando estratégias de flexibilização e adaptação curriculares. Deverá, ainda, propor os procedimentos didático-pedagógicos e as práticas alternativas necessárias ao processo ensino-aprendizagem dos alunos, bem como ter disponibilidade para o trabalho em equipe e o assessoramento às escolas quanto à inclusão dos educandos que estiverem afastados do sistema educacional, seja no seu retorno, seja para seu ingresso. [...] O professor deverá ter formação pedagógica preferencialmente em Educação Especial ou em cursos de Pedagogia ou licenciaturas, ter noções sobre as doenças e condições psicossociais vivenciadas pelos educandos e as características delas decorrentes, sejam do ponto de vista clínico, sejam do ponto de vista afetivo. [...] (BRASIL, 2002, p 23).

De acordo com o documento nacional, docentes de diferentes áreas podem atuar na classe hospitalar, indo na contramão do que determinam os documentos estaduais, que restringe à classe hospitalar a atuação do pedagogo, fazendo com que este profissional atue fora da sua faixa de formação conforme citado anteriormente. Segundo o MEC, a formação do professor que atua na classe hospitalar não precisa necessariamente ser em educação especial, porem a classe hospitalar está inserida na modalidade de educação especial. O que causa uma confusão referente não somente aos direitos dos docentes que atuam na classe hospitalar, bem como a forma de ingresso desses professores admitidos em caráter temporário:

[...] a classe hospitalar [...] ela sempre estava inserida na educação especial, mas assim para a gente entrar como pedagogo na classe hospitalar a gente faz a prova de ACT de anos iniciais, a gente se classifica, mas a gente não participa da escolha de vagas, por que essa

vaga só aparece na chamada pública, então a gente chega lá e muita gente que se ficar sabendo pode querer a vaga, então tem todo um processo... aí tiraram a nossa regência de classe que era uma regência unidocente de gratificação por estar em sala de aula, mas eles vem que a classe hospitalar não é uma classe formal então a gente não esta em sala de aula e tiraram essa regência. Só que a gente também teria uma regência se fosse da educação especial porque a educação especial também tem uma regência que é maior do que a classe de anos iniciais, então em 2015 eu tinha essa da educação especial eu perdi e comecei a ganhar de anos iniciais, e eu perdi as duas agora, então não tenho mais nenhuma, então eu não sei te dizer onde que a gente esta inserido. Na documentação vai dizer que a gente esta inserido na educação especial, mas não ganha nada de gratificação de regência, então por isso que eu digo eles não tem muitas respostas porque é essa bagunça que ta! Ta tudo assim: um “balaio de gato”[...] (D1).

Há uma brecha na legislação que faz com que o docente que atua na classe hospitalar, que está inserida da modalidade de educação especial, não receba o benefício que lhe é de direito, por atuar em uma classe de educação especial. Esta lacuna nos documentos nacionais gera um despreço ainda maior quando chegamos na esfera estadual:

[...] nós somos ligados a educação especial, mas a gente não atende educação especial, a gente não atende síndrome de down, a gente não atende deficiência visual, deficiência auditiva... Por quê? Porque a gente não tem uma especialização, nenhuma habilitação... a gente teve uma disciplina na graduação, mas a gente não tem essa habilitação e a gente não tem uma formação continuada, a gente não tem um material adaptado, então é tudo assim... [...] (D1).

A legislação diz que a modalidade é educação especial, mas os profissionais que atuam nesses espaços não precisam necessariamente ter uma formação em educação especial, fazendo com que esse profissional se depare com demandas que vão muito além da sua formação. Além dessas questões de benefícios relacionadas à modalidade de ensino a qual pertence, que lhe foram subtraídos, os docentes ainda precisam provar para o estado que o atendimento na classe hospitalar acontece:

[...] A gente precisa comprovar que o atendimento acontece, ele precisa aparecer em números, infelizmente né que tudo se resume a números hoje em dia, então a gente faz uma contagem mensal de quantas crianças foram atendidas em leito, em sala, no geral, por unidade, dias letivos... tudo é contabilizado [...] e muitas vezes eu preciso conseguir um segundo professor se eu vejo que a criança tem uma dificuldade de aprendizagem, eu tenho que pedir pra alguém avaliar ela dentro do hospital para que ela tenha um diagnóstico, que muitas vezes a gente não consegue para que ela tenha o segundo professor, para que ela tenha o professor domiciliar, para que tenha um atestado de mais tempo, para que a família consiga pegar as atividades a levar, tudo eu preciso do contato com a escola senão não

acontece(D1).

[...] essa criança vai ficar um dia, mas eu conto como atendimento por que a gente tem que cuidar do nosso registro , até para mostrar para a secretaria que a gente tá trabalhando né, porque a gente precisa provar que tem necessidade, então eu atendi essa criança foi só um dia, mas eu faço registro, foi feita uma leitura e tal, mas não tem um critério para participar[...] (D2).

O trabalho desses profissionais vai muito além das questões pedagógicas, quando estes profissionais se preocupam com a parte burocrática de manter aquele espaço aberto, provando para o estado através do número de atendimento que a classe é importante, se preocupando com a continuidade escolar das crianças e adolescentes em tratamento de saúde. É possível perceber que há um trabalho além do exercício da docência desses profissionais que precisa de maiores reflexões, pois os seus direitos foram subtraídos ao longo do tempo, mas os deveres não.

Outra questão que se destaca no trabalho dos docentes da classe hospitalar, é a diferença na interlocução com a escola de origem dos alunos quando esta é pública ou privada:

É porque assim a escola particular ela visa o cliente [...] Então assim, da escola particular às vezes vem à diretora, vem psicopedagoga, vem à freira, vem a Madre de Calcutá (quando o aluno vem de escola religiosa)... então ela vem porque tem que se fazer presente, é o cliente e não quer perdê-lo. [...]. Então, assim nessa interlocução com as escolas, o que eu vejo quando eu ligo nas escolas particulares são que tenho a devolutiva. Se eu estou solicitando atividade a coordenadora faz, vira gato e sapato a professora e manda ela fazer, então as vezes chega pra mim as atividades com mais rapidez, mas eu sei por que eu sou docente de escola pública há oito anos né, então eu sei que a gente na escola pública tem que ser “mil e um” porque é trinta alunos dentro de uma sala de aula. Em 20XX eu peguei uma turma de 3ºano numa escola pública com trinta e cinco dentro, e eram crianças oriundas de morros, eu peguei droga em sala, era polícia batendo na escola, eu dei conta graças a Deus, todo mundo se alfabetizou, mas é muito problema para se resolver o tempo inteiro. Então eu pensei, se alguém vier me solicitar atividades eu vou pegar alguma coisa pronta, pois eu não vou conseguir planejar para aquela criança específica que tá internada, então tem essas especificidades(D1).

Esta disparidade entre o ensino público e privado pode estar relacionados às políticas públicas educacionais adotadas que desvaloriza os docentes, subtraindo-lhes direitos e benefícios, pagando baixos salários, não contratando novos profissionais sobrecarregando os docentes que estão em atividade, como podemos verificar na fala de D1 quando relata ter trinta alunos em sala o que pode comprometer a qualidade do

processo de ensino e aprendizagem, não investindo na estrutura física da rede de ensino nem na formação dos profissionais atuantes na educação. A falta de políticas públicas que melhorem as condições de ensino na rede pública, se reflete na classe hospitalar quando o professor da escola pública é solicitado a enviar uma atividade e não o faz com a mesma “agilidade” do professor da escola particular por estar atarefado de mais tendo que dar conta de mais alunos do que consegue atender, por exemplo. Quando o governo deixa de dar a devida atenção para educação, acaba por afastar a classe hospitalar das escolas regulares, pois estas acabam desconhecendo e não interagindo e reconhecendo o trabalho daquela.

A alta demanda para poucos profissionais é um reflexo das políticas públicas atuais que desvalorizam a educação pública, tal desvalorização reflete sobre o ambiente escolar fazendo, por exemplo, com que os profissionais da classe hospitalar atuem fora de suas habilidades. Fica evidente a desvalorização do profissional da educação, quando estes têm seus direitos subtraídos, por conta de lacunas entre os documentos oficiais. Por fim, é perceptível a necessidade de investimentos nesta área, no que diz respeito aos recursos humanos e materiais, bem como a formação inicial e continuada dos profissionais da área da educação a fim de melhorar as condições do trabalho docente e o processo de ensino e aprendizagem.

3. Potencialidades formativas da classe hospitalar na área de Ciências da Natureza/Ensino de Química

Esta categoria trata dos potenciais formativos da classe hospitalar no que tange a área de Ciências da Natureza/Ensino de Química.

Os conceitos de Ciências da Natureza devem ser abordados de acordo com o MEC (BRASIL, 1998), na segunda etapa do ensino fundamental, que corresponde do 5º ao 9º ano. Até a década de 1980 o ensino era predominantemente tradicional, segundo Santos e Mortmer (2002) com aulas expositivas e reprodução de informações, houve com o avanço do conhecimento científico a necessidade de um novo currículo, o qual trouxe uma nova abordagem para o ensino de Ciências Naturais, a abordagem CTS (Ciência, Tecnologia e Sociedade) que enfatiza conteúdos socialmente relevantes e processos de discussão coletiva de temas e problemas de significados reais.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) sugerem que os fenômenos naturais, tecnológicos e sociais sejam trabalhados de forma contextualizada e integrada a outras disciplinas, propondo assim eixos temáticos para o ensino de Ciências Naturais (Terra e Universo, Ser Humano e Saúde, Tecnologia e Sociedade, Vida e Ambiente) (BRASIL, 1998).

Antes mesmo das entrevistas com os docentes, na etapa da observação durante as visitas realizadas ao espaço da classe hospitalar, foi possível perceber o quanto este espaço educativo é rico em possibilidades de temas nos quais se pode abordar os conceitos na área de Ciências da Natureza/Química, e os mesmos ficaram ainda mais evidentes após as entrevistas com os docentes:

[...] essas questões das fórmulas, essa questão das reações químicas do próprio corpo e de experimentos até da vida mesmo... de alimentação né? Eu acho que eram coisas que a gente sentia vontade de fazer e sentia a necessidade pelo espaço. Ah uma criança estava com uma dieta tal, mas por que ela não pode comer não sei o que [...] A gente tinha vontade de fazer, mas a gente não dava conta de entender a química certa, o conteúdo de química certo para dar conta daquele conteúdo né. Então assim quando a gente fez um projeto sobre alimentação foi uma das vezes que a gente mais sentiu [...], tinha as fórmulas que apareciam nos rótulos que a gente não dava conta e a gente fez uma atividade acho que era tirar rótulo de alimentos e analisar esses rótulos e tem umas coisas que a gente não sabe... então a gente claro que a gente buscava fazer o que a gente sabia, mas eu acho que então... talvez uma frase que exemplifique o que eu tô querendo dizer é: “mostrar a presença da química no cotidiano” entendeu? Porque às vezes parece que para eles até principalmente do 1º ao 5º e até para o 6º ao 9º a química é algo que é só das fórmulas sabe, mostrar o quanto ela é presente na nossa alimentação, no nosso corpo e nas coisas que a gente faz cotidianamente, eu acho que era uma coisa bem interessante. (D2).

O projeto sobre alimentação realizado na classe hospitalar pode se enquadrar no tema “Dietas e consumos de alimentos” sugerido pelo PCN – Ciências da Natureza, dentro do eixo temático: Ser Humano e Saúde (BRASIL, 1998, 37 p). O trecho supracitado traz alguns tópicos onde poderiam ser trabalhados conteúdos de química, no que diz respeito às questões relacionadas à leitura de rótulos, por exemplo. A análise das informações nutricionais presentes nos rótulos, entender a linguagem trazida nessas embalagens, identificar a composição dos alimentos e suas quantidades em cada alimento, relacionar o valor calórico daquele alimento com o valor calórico diário ideal para uma dieta, são alguns dos pontos que podem ser trabalhados quimicamente, como sugerem Chassot (2003) e Neves (2009). Ainda sobre a questão alimentar é possível se

pensar na abordagem de alimentos diet e light, na diferença entre eles, no que significa quimicamente ser um alimento light ou diet, entender que os produtos considerados light podem ser diferentes entre si de acordo com a variação na redução de um ou outro ingrediente, tendo um olhar para as restrições alimentares que os alunos da classe hospitalar podem apresentar e o quanto entender essas informações contidas dos rótulos pode ser importante no dia a dia desses alunos. Para *Silva (2005. p. 03)* “a abordagem sobre produtos diet e light podem ser realizadas no ensino de química inserida numa perspectiva de ensino que priorize inter-relações entre o conhecimento científico, tecnologia e sociedade”, o que vai ao encontro do trabalho que pode ser realizado na classe hospitalar. Ou seja, as questões envolvendo alimentação são importantes de serem discutidas não somente em razão dos estudantes da classe hospitalar apresentarem restrições alimentares, mas sim uma oportunidade de inserir um assunto mais amplo que pode ser refletido em outros momentos da vida dos estudantes e igualmente de seus familiares. A temática relacionada aos alimentos apresenta destaque na área de ensino de Química, tanto que em livros didáticos de Química do Ensino Médio como o *Química Cidadã (SANTOS; MÓL, 2013)* e dos autores *Mortimer e Machado (2013)* destinam capítulos exclusivos para a abordagem desse tema e os diferentes conceitos químicos vinculados. Nesta direção, D1 aponta outras possibilidades envolvendo a temática dos alimentos que são pertinentes de serem exploradas na classe hospitalar por constituir a realidade dos estudantes e que servirão para outros momentos fora do âmbito da internação:

A gente trabalha muito com essas questões do sódio, do açúcar, das questões química e tóxicas, por exemplo, da Coca-Cola. Porque a gente vai aprendendo muito com eles, os pacientes da oncologia, por exemplo, não podem tomar refrigerantes principalmente a Coca-Cola, mas eles são apaixonados, eles choram, eles imploram por Coca-Cola, por salsicha... que são uns venenos, sabe eles não podem... então a gente vai trazendo isso para o dia a dia deles (D1).

Diante do exposto por D1 que aponta a questão do consumo do refrigerante pelos pacientes da oncologia, tal assunto poderia ser abordado comparando as quantidades de sódio presente no refrigerante normal e no refrigerante light, ou ainda a partir do refrigerante trabalhar as questões do consumo excessivo de açúcar e os problemas que este excesso pode trazer a saúde, como sugerido por *Mortimer (2013)*.

Outra possibilidade levantada pelos entrevistados pertinentes ao conhecimento

químico diz respeito a aspectos envolvendo higiene:

[...] assim a gente também sabe que tem muita criança que não gosta de escovar os dentes, que não escova os dentes, então eu tenho um monte de escova de dente lá, tem uma amiga minha que é dentista, então a gente vem trazendo... traz concepções do flúor, vem trazendo o que é bom, o que é ruim, o que contém no creme dental né, quais são as consequências que vai trazer a não escovação, então a gente brinca a gente escova o dente na frente deles, a gente faz essas coisas... né que nem, por exemplo, eles perguntam muito dos efeitos da quimioterapia que é uma droga, é uma toxina punk que entra, então a gente tem que pesquisar, mas isso seria muito importante a gente trazer... (D1).

Ainda dentro do mesmo eixo temático, pode-se trabalhar com as questões de higiene, fazendo uma relação, por exemplo, dos compostos fluoretados adicionados no tratamento da água que chega até as torneiras das residências com a escovação dos dentes e importância do Flúor para saúde bucal.

Os docentes da classe hospitalar demonstraram um apreço pela utilização e incentivo a leitura com os alunos da classe, conforme discutido anteriormente, porém até o momento pouco se utiliza da literatura para abordar os assuntos correspondentes a Ciências da Natureza/Ensino de Química. Tendo como base o eixo temático Ser Humano e Saúde sugerida pelos documentos oficiais e a estratégia de ensino utilizado pelos docentes, temas relacionados à quimioterapia poderiam ser abordados a partir da utilização de livros como: “A menina que comeu césio”, onde poderiam ser trabalhados alguns aspectos da radioterapia, por exemplo, como as potencialidades e perigos dos aparelhos tecnológicos utilizados para esse fim. Homrich (2017) aponta as articulações entre esta literatura e o ensino de química. Trazendo as ideias de Homrich para sala da classe hospitalar, este assunto poderia ser abordado de modo a explicar como os efeitos da radiação nuclear nos organismos vivos variam em função do tipo de radiação, ou ainda as diferentes aplicações dos materiais radioativos na medicina além do tratamento oncológico, como na radiologia (raios-X), na ultra sonografia, na ressonância magnética, por exemplo, (SANTOS e MOL, 2005). Outra possibilidade de tratar o assunto seria a utilização de filmes, em que se pode realizar uma roda de debates em que a conceituação científica tenha um papel central para melhor compreender o assunto. O filme brasileiro chamado “Césio 137: o pesadelo de Goiânia”, pode ser uma possibilidade de discussão ainda mais atrelado a abordagem de trechos do livro “A menina que comeu césio”. Cabe destacar que tratar desses aspectos na classe hospitalar

precisa de um cuidado metodológico para não polarizar na dimensão da doença e sim explorar temas que são importantes de conhecimento para a sociedade de modo geral.

Ainda na perspectiva de uso de documentários como possibilidade de discussão de conceitos da área das Ciências da natureza há a possibilidade de explorar documentários como, por exemplo, o intitulado “o mundo segundo a Monsanto” que explora a questão do uso de alimentos transgênicos e o uso de agrotóxico, sendo uma possibilidade de trazer à tona discussões CTS relacionados a temática da alimentação já apontada pelos investigados.

A dificuldade de fazer conexões com a realidade relacionadas aos conceitos químicos também foi apontada por um entrevistado:

A tabela periódica a gente trabalhou com os adolescentes porque é um conteúdo que cai no vestibular e tal e que também é muito trabalhado ali no 7º, 8º, 9º ano e tal então... mais a gente não tinha uma coisa específica né, era bem assim num mês aparece muito isso e a gente trabalha isso, no outro mês aparece um outro determinado conteúdo e a gente aborda mais aquele... essa demanda vinha muito mais dos adolescentes com certeza né (D2).

A utilização da literatura para o ensino de química pode ser trabalhado dentro de outros eixos temáticos, abordando diferentes conceitos. D2 comenta no trecho acima o trabalho com os adolescentes na classe hospitalar com tabela periódica, tal conteúdo poderia ter sido abordado através do uso da literatura, uma vez que os docentes da classe em estudo utilizam bastante essa estratégia de ensino. Gonçalves (2014) assim como outros autores, aponta a utilização do livro “A tabela periódica” do autor Primo Levi como um bom instrumento a ser utilizado em componentes curriculares na área de Ensino de Química:

[...] o estudo do livro de Primo Levi poderia constituir uma abordagem interdisciplinar em que as várias ciências são exploradas no estudo de temas orientadores do trabalho escolar, de modo a respeitar a fragmentação representada pelas áreas de conhecimento [...] (GONÇALVES, 2014, p. 7).

A obra citada apresenta vinte e um capítulos, cada capítulo é intitulado com o nome de um elemento químico e com histórias que representam diferentes momentos da vida do autor, que traz suas memórias da guerra, sua formação química e da relação que estabelece com a química ao longo da vida. Portanto a obra poderia ser utilizada não somente para o ensino de química, mas também para o ensino de outras áreas como história, geografia, língua portuguesa... que são componentes curriculares do nível de

ensino atendido pela classe hospitalar. Além do estímulo da leitura tão praticado pelos docentes da classe.

Silveira e Zanetic (2017) também salientam o potencial do ensino de química através do livro infantil de Monteiro Lobato: “O poço do Visconde”:

[...] o livro apresenta uma abordagem pedagógica atual que possibilita discutir questões sobre a problematização e o papel da pergunta e curiosidade nas situações de ensino e aprendizagem por meio do tema petróleo. O Poço do Visconde apresenta o conhecimento científico permeado por discussões que envolvem aspectos econômicos, culturais, políticos e sociais de um determinado contexto histórico [...] (SILVEIRA e ZANETIC, 2017, p. 1).

Conforme dito pelos autores, através do tema petróleo é possível abordar, entre outros, alguns conteúdos de química. O livro o poço do visconde é permeado de aspectos relacionados a química e outras áreas de conhecimento que podem ser articulados ao momento atual que tanto se discute a crise energética a nível global. Ou seja, trata-se de um assunto com caráter mais amplo com potencial para discussões interdisciplinares.

Conforme dito anteriormente, o trabalho pedagógico da classe hospitalar em estudo acontece buscando o aspecto lúdico, mas sem se desconectar do conteúdo. Por esse viés, uma outra estratégia de ensino utilizada pelos docentes da classe que abre possibilidades para o ensino de química é a utilização de jogos, conforme comentou D2: “[...] pra não ser só conteúdo assim, para ter um lúdico assim, aí levamos os jogos, a gente tem muitos jogos a gente trabalha bastante com jogos lá no hospital [...]”. Jogos como “Alquimia”, que é composto por tubos de ensaio, óculos de proteção, alguns reagentes químicos e cartas com indicações de “experiências mágicas” poderiam ser utilizados a fim de despertar a curiosidade dos alunos da classe para âmbito da química, podendo a partir daí serem trabalhados alguns conceitos químicos. O brinquedo educativo é entendido como recurso que ensina, desenvolve e educa de forma prazerosa, utilizar um brinquedo ou jogo educativo significa transportar para o campo do ensino e aprendizagem condições para maximizar a construção do conhecimento, através das propriedades do lúdico. No entanto, no âmbito do ensino todos os jogos e brinquedos precisam ter seu uso problematizado, pois nem sempre o brinquedo ou o jogo possui um caráter educativo, cabe ao professor que utiliza desse recurso contextualizar para a realidade de sala de aula.

Em linhas gerais, os docentes da classe hospitalar apresentam demandas interessantes relacionadas ao Ensino de Ciências em especial ao Ensino de Química que podem ser potencializados na interlocução com docentes oriundos dessas áreas de conhecimento. Em suma, a classe hospitalar constitui um espaço profícuo para o ensino de Química de modo a enriquecer a formação dos estudantes. No entanto, tais aspectos precisam ser melhor discutidos no âmbito da formação inicial e continuada de professores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O atendimento escolar é um direito de toda criança e adolescente, a classe hospitalar existe para garantir a continuidade dos estudos desses sujeitos internados. O trabalho que é feito na classe onde esse estudo foi realizado busca promover a reinserção escolar destes estudantes diante de uma postura pedagógica que aborda os conteúdos através do lúdico, respeitando o momento pelo qual o aquele sujeito está vivendo. A abordagem dos conteúdos através dos eixos temáticos torna o processo de ensino e aprendizagem mais dinâmico, facilitando assim o trabalho com os diferentes níveis de ensino no mesmo espaço, como acontece na classe hospitalar. Os profissionais que atuam neste espaço educativo se deparam, no cotidiano da classe escolar com demandas que vão além dos conhecimentos adquiridos em suas formações iniciais, precisando por vezes, buscar em outros profissionais um apoio para a continuidade do seu trabalho. A rotina de trabalho desses docentes é cercada de situações das quais estes estão submetidos a situações que vão além das questões pedagógicas, como o iminente risco, por estar trabalhando em um ambiente que pode colocar em risco a saúde desses profissionais. Mesmo diante disso, os profissionais demonstram comprometimento e preocupação com a formação dos alunos da classe, inserindo por vezes sujeitos que não estão na faixa de atendimento da classe escolar, mesmo sem ter um contato mais efetivo com as escolas de origem dos estudantes.

A grande demanda de trabalho para o número reduzido de profissionais é um problema também na classe hospitalar, o estado contrata um baixo número de professores, fazendo com que estes acabem atuando fora da sua área de formação. A falta de políticas públicas em relação este setor vai desde a pouca oferta de cursos de

formação continuada, passando pela contratação mais vantajosa para o estado de profissionais admitidos somente em caráter temporário, com a subtração de seus direitos, indo até a carência de recursos materiais para manter o espaço educativo. O conflito entre o que dizem os documentos estaduais e nacionais gera uma confusão entre a modalidade que está inserida a classe escolar e a modalidade em que estão inseridos os profissionais que atuam na classe.

O espaço da classe hospitalar apresenta um grande potencial formativo, nas diferentes áreas do conhecimento. A presença de profissionais de diferentes áreas do conhecimento dentro da classe iria contribuir não somente na escolarização dos estudantes da classe, mas na troca entre os docentes atuantes daquele espaço e os profissionais das diferentes áreas do conhecimento. Tal potencial pode ser transposto para a área de Ciências da Natureza/Ensino de Química conforme sinalizado pelos investigados.

Em síntese, a classe hospitalar constitui um espaço profícuo de reflexões e abordagens relacionados ao Ensino de Química e a formação de professores de modo geral. Isto é, este espaço pode ser problematizado tanto na formação inicial de professores em especial os ligados ao Ensino de Ciências quando na continuada dos profissionais que atuam nestes espaços.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Conselho Nacional de Educação. **Resolução nº 2 de 11 de setembro de 2001. Dispõe sobre as Diretrizes Nacionais para a educação especial na educação Básica.** Brasília, 2001. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>>. Acesso em 19 de junho de 2017.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações.** Brasília, DF: MEC/SEESP, 2002. 35 p.

_____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Nota técnica de esclarecimento sobre a matrícula de crianças de 4 anos na educação infantil e de**

6 anos no ensino fundamental de 9 anos. Brasília, 2012, p.1. Acesso em 20 de setembro de 2017. <

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=10977-nota-tecnica-matricula-ensino-fundamental-140612-pdf&Itemid=30192>

_____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução CNE/CEB nº 2**, de 11 de fevereiro de 2001. Institui Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Brasília, DF: D.O.U., 14 set. 2001.

_____. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental – Ciências Naturais. 1998.** Acesso em 25 de setembro de 2017. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/ciencias.pdf> >

CHASSOT, A., VENQUIARUTO, L.D., DALLAGO, R. M., **De olho nos rótulos: compreendendo a unidade caloria.** Química Nova, n. 21, 2014. . Acesso em 25 de setembro de 2017. Disponível em < <http://qnesc.sbq.org.br/online/qnesc21/v21a02.pdf> >

COMIN, J. O. **Os saberes docentes na classe hospitalar.** Florianópolis: UFSC, 2009. Disponível em < <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/92446/280384.pdf?sequence=1> >. Acesso em 21 de junho de 2017.

DARELA, M. S. **Classe hospitalar e escola regular: tecendo encontros.** Florianópolis: UFSC, 2007. Disponível em: < <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/89924> >. Acesso em 30 de maio de 2017

DELIZOICOV, D. ANGOTTI, A. J.; PERMANBUCO, M. M. **Ensino de Ciências: fundamentos e métodos.** São Paulo: Ed. Cortez, 2002.

FONSECA, E. S. **Atendimento pedagógico – educacional para crianças e jovens hospitalizados: realidade nacional.** Brasília, 1999. Disponível em: < <http://smec.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-virtual/espaco-educacao-saude/classes-hospitalares/WEBDOCUMENTOS/atendimento%20pedagogico-educacional%20para%20criancas%20e%20jovens%20hospitalizados.pdf> > Acesso em

15 de maio de 2017.

_____. **Mapeamento brasileiro das escolas hospitalares e domiciliares.** Rio de Janeiro: UERJ/EH, 2012. Disponível em: < http://www.lapeade.educacao.ufrj.br/files/Eixo%205_Formacao%20Docente_pag%20269.pdf >>. Acesso em: 15 maio. 2017.

_____. **Educação, saúde e cidadania: estratégias para a garantia de direitos de crianças e adolescentes hospitalizados.** Revista de Educação Pública, v. 22, p. 503-523, 2013.

FOCETOLA, P. B. M. et al. **Os jogos educacionais de cartas como estratégias de ensino de química.** Química Nova. V. 34, n.4, p. 248 – 255, 2012. Acesso em setembro de 2017, Disponível em < http://qnesc.sbq.org.br/online/qnesc34_4/11-PIBID-44-12.pdf >

FONTES, R.S. **A classe hospitalar e a inclusão da criança enferma na sala de aula regular.** Revista Brasileira de Educação Especial 8 (1): 45-54, 2002.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido.** 47. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

_____. **Professora Sim, Tia Não - Cartas a Quem Ousa Ensinar,** São Paulo: Olho D'Água, 1997.

GATTI, Bernardete A., **Formação de professores para o ensino fundamental: estudo de currículos das licenciaturas em pedagogia, língua portuguesa, matemática e ciências biológicas.** São Paulo: FCC/DPE, 2009, p. 33. Acesso em 20 de setembro de 2017. < <file:///C:/Users/Meu%20Computador/Desktop/artigo%20TCC.pdf> >

GONÇALVES. F. P. **Experimentação e literatura: Contribuições para formação de professores de química.** Química Nova, v.36, n. 2, p. 93 – 100, 2014. Acesso em 27 de setembro de 2017. Disponível em < http://qnesc.sbq.org.br/online/qnesc36_2/04-EA-14-13.pdf >

HOMRICH, A.M., PERALTA, R. A., GONÇALVES. F. P. **A menina que comeu cério: articulações entre literatura e ensino de química.** XI EMPEC, 2017. Acesso em 27 de setembro de 2017. Disponível em < <http://www.abrapecnet.org.br/enpec/xi-enpec/anais/resumos/R0173-1.pdf> >

LINSINGEN, V. L. **Literatura infantil no ensino de ciências: articulações a partir da análise de uma coleção de livros**. Florianópolis. UFSC, 2008. Acesso em 08 de novembro de 2017. Disponível em < <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/91784/261298.pdf> >

MARANGON, Cristiane. **José Pacheco e a Escola da Ponte**. 2004. Acesso em 18 de setembro de 2017. Disponível em < <https://novaescola.org.br/conteudo/335/jose-pacheco-e-a-escola-da-ponte> >

MORAES, M.; GALIAZZI, M. C. **Análise Textual Discursiva**. Ijuí: Editora Unijuí, 2007.

MORTMER, E. F., MACHADO, A. H., **Química: ensino médio**. 2 ed., São Paulo: Scipione, 2013, p. 100 – 141.

NEVES, A. P., GUIMARÃES, P.I.C., MERÇON, F., **Interpretação de rótulos de alimentos no ensino de química**. Química Nova, v. 31, n.1, 2009. Acesso em 25 de setembro de 2017. Disponível em < http://qnesc.sbq.org.br/online/qnesc31_1/07-RSA-1007.pdf >

PACHECO, José, **A educação como projeto de corresponsabilização: práticas, saberes e mudança social no século XXI**. Minas Gerais: Cadernos CIMEAC – v.6, n.2, 2016, p. 12. Acesso em 21 de setembro de 2017. < <file:///C:/Users/Meu%20Computador/Downloads/Jose%20Pacheco.pdf> >

PINTO, José. M.R., **O que explica a falta de professores nas escolas brasileiras?**. UFPR: Jornal de políticas educacionais, 2014, p.2. Acesso em 21 de setembro de 2017. Disponível em < <http://revistas.ufpr.br/jpe/article/view/39189/24026> >

PONTE, Escola. **Descrição Genérica**. 2017. Acesso em 18 de setembro de 2017. Disponível em < <http://www.escoladaponte.pt/descricao.html> >

RISSATO, et al. **Iodoterapia: avaliação crítica de procedimentos de precaução e manuseio dos rejeitos radioativos**. Revista Inst. Adolfo Lutz, São Paulo, 68(2):245-53, 2009. Acesso em 07 de novembro de 2017. Disponível em < <http://periodicos.ses.sp.bvs.br/pdf/rial/v68n2/v68n2a11.pdf> >

SANTA CATARINA, Secretaria de Estado da Educação e do Desporto. **Proposta**

Curricular de Santa Catarina: Educação Infantil e Ensino Fundamental e médio: disciplinas curriculares, Florianópolis, COGEN, 1998.

_____, Secretaria de Estado da Educação e do Desporto. **Proposta Curricular de Santa Catarina: Formação integral na formação básica.** 2014.

Disponível em:

<http://www.propostacurricular.sed.sc.gov.br/site/Proposta_Curricular_final.pdf>

Acesso em 18 de setembro de 2017.

_____. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO. **Educação em números - Agosto.** 2017. Acesso em 21 de setembro de 2017. Disponível em <<http://www.sed.sc.gov.br/secretaria/educacao-em-numeros>>

_____. Assembleia Legislativa. **Portaria que dispões sobre a implantação do atendimento escolar hospitalar para crianças e adolescentes matriculados no ensino fundamental do 1º a 9º ano, internados em hospitais.** 2001. Acesso em 21 de setembro de 2017. Disponível em <www.alesc.sc.gov.br/expediente/2006/PL_0028_2_2006.rtf>

_____. SECRETARIA DO ESTADO DE EDUCAÇÃO. **Edital nº 21/2012/SED.** 2012. Acesso em 23 de setembro de 2017. Disponível em: <file:///C:/Users/Meu%20Computador/Downloads/edital_21_2012_concurso_magisterio.pdf>

_____. Assembleia Legislativa. **Lei complementar nº 668 de 28 dezembro de 2015.** 2015. Acesso em 23 de setembro de 2017. Disponível em <file:///C:/Users/Meu%20Computador/Downloads/lei_complementar_n%C2%BA_668_de_28dezembro2015.pdf>

SANTOS, W. L., MÓL, G. S., **Química e sociedade: volume único, ensino médio.** São Paulo: Nova Geração, 2005. p. 712.

SANTOS, W. L., MORTMER, E.F., **Uma análise de pressupostos teóricos da abordagem CTS (Ciência, Tecnologia e Sociedade) no contexto da educação brasileira** Ensaio – Pesquisa em educação em ciências. v.2, n.2, dez. 2002. Acesso em 08 de novembro de 2017. Acesso em <<http://www.redalyc.org/html/1295/129518326002/>>

SILVAR.M.G., FURTADO, S.T.F., **Diet ou Light: qual a diferença.** Química nova, n.21, 2005. . Acesso em 25 de setembro de 2017. Disponível em < <http://qnesc.sbq.org.br/online/qnesc21/v21a03.pdf>>

SILVEIRA, M. P., ZANETIC. J., **Monteiro Lobato e Paulo Freire: problematizando O Poço do Visconde.** Química Nova, v. 39, n.1, 2017, p. 89 – 103. Acesso em 27 de setembro de 2017. Disponível em < http://qnesc.sbq.org.br/online/qnesc39_1/14-CP-68-15.pdf>

SILVEIRA, M. P. **Literatura e ciência: Monteiro Lobato e o ensino de química.** São Paulo, USP, 2013, Acesso em 07 de novembro de 2017. Disponível em < <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/81/81132/tde-01122014-153625/pt-br.php>>

APÊNDICES

APÊNDICE A - ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

- 1) Qual o perfil dos alunos? Até que faixa etária atende?
- 2) Como são planejadas as aulas?
- 3) O espaço da classe hospitalar é multiseriado, como fica o planejamento dos diferentes níveis de ensino?
- 4) Quais as dificuldades encontradas pelos docentes com a classe hospitalar?
- 5) Atuam na classe hospitalar professores de que áreas? Por que os professores que atuam na classe hospitalar são dessas áreas?
- 6) Como é a organização do trabalho na classe hospitalar?
- 7) Como é feito o atendimento dos pacientes no isolamento?
- 8) Como é feito o atendimento no leito?
- 9) Quais conceitos de ciências da natureza/química vocês estão mais acostumados a abordar?
- 10) Quais conceitos da área de ciências da natureza/química vocês acham necessário, mas tem dificuldades de explorar (por conta da formação inicial)?

- 11) Que tipo de contribuição na área de ciências da natureza/química vocês gostariam que o curso de licenciatura pudesse auxiliar?
- 12) Qual o critério para participar da classe hospitalar?
- 13) Há um contato da classe hospitalar com a escola de origem dos alunos?
- 14) Há um feedback da escola para a classe hospitalar após a alta do aluno?
- 15) Qual o papel da política estadual com o hospital?

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



Universidade Federal de Santa Catarina Curso de Licenciatura em Química

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Eu, Sheila Batista Furtado, Licencianda do curso de Licenciatura em Química da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) orientada pela Prof^a Carolina S. Fernandes, convido você para participar através de uma entrevista semiestruturada da pesquisa intitulada “As potencialidades do Ensino de Química em classes hospitalares: uma análise das ações em um hospital infantil de Santa Catarina”. Tal pesquisa centra-se em analisar o potencial do ensino de Química em classes hospitalares.

Sua participação nesta pesquisa se dará por meio da resposta a entrevista. As informações coletadas serão utilizadas para esta pesquisa e para trabalhos derivados desta. A identidade dos respondentes será preservada e o anonimato é garantido.

Para qualquer eventualidade, os participantes podem entrar em contato pelo e-mail: furtado.sheila@hotmail.com ou carolina.sf@ufsc.br.

Atenciosamente,

Florianópolis, ____ de _____ de 2017

Assinatura pesquisadora
Sheila Batista Furtado

Assinatura da orientadora
Carolina S. Fernandes

Assinatura do participante da pesquisa
Nome completo:

Consentimento de participação

Eu, _____, RG _____, abaixo assinado, aceito participar da pesquisa: “As potencialidades do Ensino de Química em classes hospitalares: uma análise das ações em um hospital infantil de Santa Catarina”.. Declaro que fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) sobre a pesquisa.

Florianópolis, _____ de _____ de 2017.

Assinatura